

CIDADE PARA POUCOS: REFLEXÕES A PARTIR DO MOVIMENTO OCUPE ESTELITA NA CIDADE DO RECIFE

Leandro Paes Barreto Silveira¹

Steffano Mateus Torres do Nascimento²

Orientador: Volmir José Brutscher³

RESUMO

Este artigo discutirá, sob a perspectiva dos movimentos sociais, a importância da luta e do levantamento de questões como cidadania e pertencimento social, tendo o Movimento Ocupe Estelita (MOE) como fio condutor para analisar o processo de elitização da cidade do Recife. O artigo caracteriza-se metodologicamente como abordagem teórica, inscrito nos referenciais da análise dialética e da análise do discurso, recorrendo à bibliografia clássica da área e à entrevista, com base em um questionário semiestruturado elaborado para identificar a perspectiva do MOE em relação à educação. Os resultados apontam um processo de elitização do Recife, segregando e sucateando comunidades vizinhas, a fim de brutalmente esculpir uma cidade que sempre fora tão rica em histórias de ações coletivas, um palco altamente plural, em um lugar frequentado por poucos, modificado até o talo, para servir aos interesses da iniciativa privada. Apontam, também, a importância do papel político e social da educação popular em orientar a população para que tais assuntos não sejam calados de vez.

Palavras-chave: Espaço Público. Movimentos Sociais. Movimento Ocupe Estelita. Educação Popular.

INTRODUÇÃO

O que rege os movimentos sociais populares são indignações, carências, interesses em comum e até mesmo o cenário conjuntural. Há uma dialética social que nos cerca e distingue o ser humano, desde o processo de sedentarização, quando, depois de vários períodos de observação, dominou a agricultura, nos assentou-se e, assim, passou a constituir o que, posteriormente, viria a ser uma comunidade. Comunidades que, com o tempo, foram se

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte (UPE CMN)
e-mail: eulbarreto@gmail.com;

² Graduando em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte (UPE CMN)
e-mail: steffanomtorres@gmail.com;

³ Doutor em Educação e professor na Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte (UPE CMN)
e-mail: volmir.brutscher@upe.br.

modificando, se industrializando, e acabaram virando vilas e cidades. Nesse processo, desencadeamos, de vez, uma atitude que nos diferencia ainda mais dos outros animais: o egoísmo. Dando um salto no tempo, vemos tal egoísmo refletido nas relações de poder de nós sobre nós mesmos e, assim, chegamos num ponto que marcara nossa condição, desde então, que é, justamente, a luta de classes.

Desde a época da Colônia, nosso território é marcado por atos de resistência contra a dominação de uma classe sobre outra, essas ações vêm justamente das camadas mais populares, que sempre trabalharam muito e quase nunca obtinham retorno. Com a chegada da República, praticamente nada mudou, quem dominava e tinha condições e acesso social ainda era a mesma elite de antes, em geral, de origem europeia. Com o surgimento da nova sociedade urbana, as lutas mudaram apenas em sentido de conjuntura, alterando o cenário, porém não os atores. No cenário pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil adota a abertura para instalação de indústrias com o propósito de alavancar o desenvolvimento nacional, dando um norte cada vez mais voltado para o capital, fazendo surgir uma efervescente origem sindical para reivindicar situações de agrado mais popular de fato.

O ambiente urbano e sindical foi gerando inúmeras greves dentro do seio industrial por causa do tamanho desconforto que era o tratamento e a condição de apenas produzir. No entanto, as mobilizações populares foram silenciadas na época da ditadura militar (1964-1985). Perto do fim da mesma, os movimentos reaparecem, dessa vez, reivindicando assuntos de transformação social, como por exemplo, vagas nas escolas e ensino para todos, além das sempre presentes lutas por terra e melhores condições de saúde.

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 1995, p. 13)

O que podemos perceber é que há sempre um embate travado entre quem tem o acesso hegemônico a diversos segmentos sociais, usufruindo, de fato, de lugares que, em teoria, seriam de todos, criando um sentimento de exclusão que até hoje nos permeia e cerca. Em função disso, destacamos o valor imensurável da educação no papel de alterar tais proporções, entendendo a essa não apenas como um espaço mecânico de conteúdos abstratos, mas, sim, como uma maneira de reflexão, compreensão, organização e ação em prol das mudanças sociais, reforçando seu caráter crítico e de transformação. Razão da educação estar sofrendo ataques constantes no atual cenário político nacional.

METODOLOGIA

O objetivo desse estudo é analisar o processo de resistência à elitização do Recife, por meio da ocupação de espaços públicos, promovido pela pauta de mobilização do Movimento Ocupe Estelita, procurando perceber como a educação pode contribuir neste processo. Grande parte da população não compreende que o espaço urbano é de fato seu e, por consequência dessa ingenuidade, grandes corporações, sobretudo do ramo da construção, vêm tomando conta dos espaços urbanos. Depois de tomados, esses espaços, locais de encontro e de cultura, acabam sendo elitizados, tirando da população mais carente e da classe trabalhadora o direito de frequentar esses espaços urbanos que deveriam ser de todos e para todos.

O trabalho caracteriza-se, metodologicamente, como abordagem teórica, inscrita nos referenciais da análise dialética e da análise do discurso (BRUTSCHER; SCOCÚGLIA, 2017), recorrendo à bibliografia clássica da área e à entrevista, com base em um questionário semiestruturado elaborado para identificar a perspectiva do MOE em relação à educação. Com a entrevista, se busca saber de integrantes do Movimento Ocupe Estelita se existe contribuição e como a educação pode contribuir na mobilização da população no tocante a ocupação e defesa dos espaços públicos. Para isso aplicamos o seguinte questionário semiestruturado: **1)** Você concorda que uma melhor abordagem dentro das instituições escolares, ou até mesmo um currículo que dê margem para assuntos como urbanismo, políticas públicas e utilização de espaços públicos entrem nas atividades escolares, pode reforçar ou retomar sentimentos de pertencimento social ou cidadania, fazendo com que a população procure defender espaços mais democráticos? **2)** Nem todos sabem sobre o direito à cidade, garantido por lei (Lei Nº10.257, de 2001), e, em função do aparelhos ideológicos a serviço do capital, permeia no senso comum a ideia de que determinados espaços não são para todo tipo de público. Você acredita que a educação é um meio de orientar a sociedade para a defesa do espaço público? **3)** Quais

as dificuldades (se existente) que os movimentos sociais encontram para estabelecer uma relação próxima com ambientes escolares? 4) Para o MOE, qual o papel político e social da educação?

As respostas dos integrantes do MOE serão analisadas, no item Resultados e Discussão, refletindo como este movimento social urbano recifense enxerga a educação no movimento social contemporâneo.

A partir das entrevistas, constatamos que os movimentos sociais, não exclusivamente o Movimento Ocupe Estelita, sofrem de um preconceito por parte da elite, também inculcado na população por meios voltados a atingir o senso comum. Questões como ocupação de espaços públicos jamais são ligadas, por exemplo, ao Estatuto das Cidades e ao direito à cidade. Pelo contrário, são sempre relacionadas com invasões, e quem invade boa coisa, ou bom elemento, não é.

Assim, faz-se cada vez mais necessário estabelecer uma relação próxima com a educação, pois se entende que sem a mesma, tais discussões, como participação popular, espaços democráticos e cidadania, dificilmente serão entendidas e propagadas fielmente. Neste sentido, tanto a educação escolar quanto a não escolar são fundamentais neste processo. Os movimentos sozinhos não conseguem total alteração da maneira de pensamento e nem tampouco vão conseguir direcionar os caminhos a serem seguidos pela população. Por outro lado, os movimentos sociais ajudam a levar debates que são negados e situações que não se quer permitir que cheguem às escolas.

Na procura por estudantes mais críticos e também de um seio social mais voltado para questões que de fato se façam do interesse de todos, então é necessário derrubar alguns muros ainda existentes. O que se busca, de fato, com a educação é que ela, além de libertar o indivíduo, possa fazê-lo também propagar isso fora dos muros da escola, diminuindo, assim, cada vez mais, as relações verticalizadas. Precisamos buscar e estabelecer valores que façam bem ao ser humano por inteiro, por completo, não que contemplem apenas o bolso de poucos que nada se importam com os demais. É difícil embarcar na luta contra o capitalismo e seu lucro voraz, mas, sem ela, é se entregar a viver um cenário de miséria, tanto intelectual quanto material. Nesta luta, provavelmente existem mais inimigos do que aliados. Contudo, jamais se pode fazer alguém de escalada na proposta de levantar a todos, evitando atender apenas aos seus interesses próprios. É uma luta contra o capital, mas também contra o próprio egoísmo

do ser humano, que muitas vezes se enraíza tão profundamente a ponto de parecer constituir parte da própria essência humana.

O papel da educação, acima de tudo, é contribuir para quebrar com a linha de pensamento, cada vez mais difundida e enraizada entre nós, que, talvez, não permita que consigamos imaginar uma sociedade sem alguém acima ou abaixo de nós mesmos, ou seja, sem divisão de classes. O que parece utópico para muitos, também é excitante e instiga tamanha adrenalina na busca da plenitude do bem estar social e de situações de real democracia, onde todos tenham voz ativa e possam usufruir de uma cidade que é aberta para todos, que é bem vinda para todos, sem ninguém ser melhor do que ninguém, sem ninguém pisar em ninguém.

Os movimentos sociais se mostram como uma situação, um lugar real e autêntico, legítima para difundir e propagar questões, como o direito à cidadania, através de uma identidade coletiva. Falando em coletivo, é necessário instigar uma consciência para que jamais se perca o sentimento de empatia e de luta. O estado pernambucano, atualmente, reflete muitíssimo bem a trajetória de lutas e da atitude de não abaixar a cabeça para qualquer coisa que se venha querer impor. Em Pernambuco e no Recife se respira luta. No entanto, na avaliação das lideranças do MOE, é preciso também respirar e traçar novos rumos educacionais se quiser traçar linhas e direções diferentes das impostas pelo capital. Segundo eles, geralmente se espera algo trágico acontecer para poder se movimentar sobre o ocorrido, porém, se olharmos para trás e para tudo que nos cerca, facilmente se pode identificar que o trágico já existe há bastante tempo e circula sobre e entre nós, mesmo que, infelizmente, tenhamos sido condicionados a não enxergar. Vivemos numa sociedade “pós-liberal” fria, onde aprendemos que temos de ser melhor que o outro, temos de chegar primeiro que o outro, onde tudo é uma competição. O imaginário social funciona e giram assim: se quiser ser bem sucedido ou alguém na vida, precisa ser o melhor na escola, ter as melhores notas, para obter as melhores vagas, para conseguir os melhores cargos, para, assim, alcançar os melhores salários. Tudo gira em volta do dinheiro que se pode conquistar, muitas vezes iludidos pela ideia de uma falsa meritocracia, passada pelos programas de televisão, a partir de casos raros, verdadeiras exceções, de pessoas que nada tinham e, de repente, conseguem ter tudo, instigando a falsa ilusão de que apenas com esforço pessoal é possível vencer, desconsiderando todo o mar de desigualdades que nos cerca.

DO SUCATEAMENTO PARA A ELITIZAÇÃO DO BAIRRO DO RECIFE

Os movimentos sociais constituem novas maneiras de atuação com potencial na construção de uma cidadania de caráter mais popular (DURHAM, 1984). Sendo assim, articular tal cidadania é articular também um cenário mais democrático, porém precisamos entender a diferença entre o pensar e a realidade do retrato da cidadania, não apenas no cenário recifense (como será retratado mais a frente), mas também a nível nacional, precisamos, além de articular a educação para a orientação desse discurso, permear esse embate dialético dentro das instituições de ensino, se quisermos um traçado histórico diferente do qual tivemos até então.

A educação, nos últimos anos, sofre com inúmeros ataques proferidos por conservadores, visando atingir o atual modelo de educar no Brasil, principalmente no ensino superior, seu papel político, crítico e de fato libertador. Discutir a realidade e as mudanças sociais é função, mais que essencial, do ensino. Pensar a educação como fundamental para entender questões como o direito à cidade e o direito a espaços públicos é um início para evitar que tal discussão seja calada e, trazendo ela sempre novamente à tona.

Observa-se que o Recife vem sofrendo um processo de sucateamento de seus espaços públicos. Espaços estes que deveriam em sua essência ser destinados para a população como um todo, não apenas em função de lazer, mas de convivência de modo geral. Atividades populares, envolvendo festas públicas e ocupações culturais, vêm sendo abandonadas intencionalmente em prol do financiamento público para interesses privados. O papel da elitização de locais, antes frequentados por um público que se sentia pertencente naquele local, que via numa praça um ponto de socialização, faz com que muitos, agora, se encontram impedido de frequentar, de usufruir e de exercer tal papel como cidadão, porque uma outra camada social não apenas usufrui, porém incita a separação, a delimitação de localidades.

O conservadorismo, que não consegue enxergar além de resultados práticos a fim de obter ferramentas que alimentem sua índole dominante, é palco para entendermos as dificuldades que os atuais movimentos encontram para manter um diálogo e uma proximidade com instituições educacionais, sendo reprimidos não pelo corpo discente das escolas, mas por parte de gestores e dirigentes alinhados com o grande capital. Levar questões críticas, estimular o pensamento, instigar cada vez mais as ideias de Paulo Freire para dentro das

instituições, é bater de frente com quem só vê e defende seus interesses privados, Porque a partir do momento que a população entender, de fato, o poder do público e da força popular, situações de perpetuação e negligencia de oportunidades não serão mais permitidas nem toleradas.

A participação popular é importantíssima para que novos rumos, pautados e oriundos da educação popular, venham a circular para a libertação das classes populares das amarras da classe dominante, que sempre esteve em cima dos trabalhadores, sugando e se apropriando do que é feito por eles e elas. A cara e a cor da cidade vêm das camadas mais populares, de quem caminha todo dia na tentativa de se encontrar inserido e, por que não, reconhecido como dono dos espaços públicos. Recife sofre com o avanço do capital, mais precisamente do mercado imobiliário, que vem justamente para tirar o que é de todos e pôr para poucos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A resistência e o enfrentamento das camadas populares pelo espaço e por decisões culturais nas cidades, não apenas em Recife, é essencial para traçar novos rumos urbanos, mais democráticos, que abracem a todos de fato, porque as políticas urbanas são dominadas pelo capital, principalmente a partir do mercado imobiliário. As políticas urbanas se voltam apenas para o desenvolvimento econômico, com a privatização de áreas públicas, desconsiderando o social e cultural, causando uma segregação entre indivíduos de um mesmo local, onde, uma vez, todos eram pertencentes ao mesmo chão. Agora, cada vez mais separados, prevalece, por parte das calasses populares, o sentimento de indignação com as camadas dominantes e com os dirigentes políticos. Sentimento que vem dando lugar à organização e resistência por meio do Movimento Ocupe Estelita (MOE).

O Movimento Ocupe Estelita é organizado estudantes universitários recifenses que tem o objetivo de barrar esse projeto de urbanização, não levou à tona apenas a luta pelo Cais José Estelita, levantou outras discussões. O Recife, desde o começo da atual década, vem sofrendo transformações no espaço público que está sendo aberto para os interesses privados, refletindo claramente no que consiste o Projeto Novo Recife, reduzindo os espaços públicos e construindo grandes áreas privadas. Construções milionárias e gigantescas, com prédios de muitos andares, verdadeiros arranha-céus, lembrando um pouco a famosa história sobre a Muralha da China, que conta que essa até da lua se enxerga, sugerindo ser possível avistar de longe tais “estacas”. Desta forma, o “Novo Recife” vem manchando a cidade e sangrando

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

comunidades vizinhas, a exemplo do Coque, que vem sofrendo um processo de sucateamento severo, com falta de saneamento básico e restrição do acesso à cultura e afins.

O MOE trouxe um sentimento de basta, revelando onde a população cansou de apenas acatar quaisquer depósitos que o governo lance sobre elas. A população quer ser ativa nas decisões que ocorrem sobre os locais públicos. Também não quer que sejam definidas em gabinetes fechados com meia dúzia de multimilionários brancos que nem sequer andam de transporte coletivo. A população quer se articular e discutir quais os melhores caminhos a serem tomados para a cidade e para uma melhor construção da mesma, que aborde pautas mais democráticas e que não sejam excludentes. O que se quer é que exista uma parte do território que não seja exclusivamente voltada para fins lucrativos, focando outras questões, como participação popular, produções culturais, contribuindo, inclusive, para a quebra do mapa da violência urbana. Defende-se como princípio, para privatizar áreas públicas, considerar o discurso e os indicadores da violência. Tais questões acabam alterando totalmente as decisões de como as políticas serão definidas, refletindo na educação e no seu papel, cada vez maior, de informar e questionar, forçando as pessoas a saírem do comodismo e buscarem serem mais, buscarem também ocupar o que de fato é seu, a cidade.

Romper com tal ideia de que o melhor, o mais caro, é só para alguns é fundamental para que a cidade do Recife seja para todos de fato. Garantir que partes nobres sejam públicas, que gerem o melhor que a população pode querer: renda para a população que precisa dela para tirar o seu sustento, cultura e atrações populares, famílias e várias tribos circulando nos espaços. Eis uma meta da cidadania que ainda precisa de muita luta árdua para ser alcançada.

O levantamento de bandeiras populares também traz consigo a luta das comunidades do Coque e do Pilar em denunciar o sucateamento que elas sofreram, e sofrem até hoje, por serem deixadas, cada vez mais, de lado, abandonadas, com o processo de privatização dos locais de cunho público e com a elitização dos mesmos. Infelizmente a mídia também circula a favor de quem tem o dinheiro e o poder pra movimentar as coisas a seu favor. Matérias criticando e comentando sobre mapas da violência e questões relacionadas com drogas nos locais públicos, considerados razões plausíveis para os processos de privatização acontecer. Outra razão é sustentada na quantidade de empregos, mesmo que temporários, que obras, em determinadas regiões, poderiam gerar. O ponto crítico da coisa é que ela atinge também o público que deveria se pôr a favor das questões levantadas pelos movimentos sociais, e isso acaba impactando severamente também na educação, pois inibe as discussões que seriam

determinantes para que houvesse uma relação mais próxima das instituições com os movimentos sociais, por exemplo.

O levantamento de bandeiras que o MOE trouxe, com sua ocupação e impedimento das obras no Cais, acarretou num despertar de sentimento de carência de espaços públicos democráticos e de participação e manifestações populares. O que de um lado, o da elite e dos meios que administra, gera cada vez mais aversão contra a parte social que sempre é pisada e escanteada; do outro, acaba formando laços onde conseguimos enxergar a essência do companheirismo humano e a belíssima empatia que sempre procuramos encontrar no Recife, às vezes até já colocada em dúvida. Entender a situação, ou se importar com a luta do outro, não traz desvantagens, mas transmite um sentimento fortalecido de união – sentimento que os donos do capital muitas vezes comemoram exatamente por não existir. Quando a dialética da colaboração ocorre entre quem mais deveria se unir - que puxa e instiga valores democráticos, acabam rompendo com essa espécie de condicionamento operante negativa que, em geral, tramita pela cabeça das camadas mais pobres das cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas sem acesso à educação crescem sem acesso a oportunidades sociais, são deixadas de lado, negligenciadas em seu próprio espaço público, iludidas pela ideia de que a paz só é encontrada no que se chama de lar, mesmo que este seja um barraco erguido por palafitas, mas que é seu é seu privativo. A partir daí passa a surgir a ideia de que o privado vale mais e, por conta disso, devemos lutar por ele. Devemos entender que não se luta sozinho, se quisermos alterar o cenário do individualismo para um estágio que considere o bem de todos. A atual conjuntura política nos faz pensar que isso jamais será possível, mas é necessário mais do que esperança e fé nas ações, é necessária participação real de todos, para deixarmos tais pensamentos de lado e buscar fortalecer o coletivo, o bem viver de todos. Queremos que o coletivo seja levado em conta, que possamos juntos ter um meio de nos encontrarmos, mesmo sem nos conhecer, no direito de ir e vir, de ocupar e fazer parte de territórios, onde possamos assimilar que aonde o outro está eu também posso ir, fazendo as mesmas ações e contemplando os mesmos sentimentos. De fato, parece utópico, mas não se pode negar de que é bonito. De feio e excludente todos nós já estamos fartos. Que busquemos o bonito.

REFERÊNCIAS

BRUTSCHER, Volmir José; SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Discursos da educação popular contemporânea: encontros com Michel Foucault e Paulo Freire**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

COSTA, Maria das Dores. Movimentos sociais e cidadania: uma nova dimensão para a política social no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 22, n. 2, p. 3-10, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Movimentos sociais e educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LINS, Lucicléa Teixeira. Teorias sobre os movimentos sociais: projetos de sociedade em disputa. In: FIGUEIREDO, João B. de Albuquerque; VERAS, Clédia Inês Matos; LINS, Lucicléa Teixeira (orgs.). **Educação Popular e movimentos sociais: experiências e desafios**. Fortaleza: Impreco, 2016